

THOMAS O OBSCURO, DE BLANCHOT, E A GRANDE FIGURA OCEÂNICA

Uma ruptura de todos os laços

Nathanrildo Francisco da Cruz Costa¹

Antônio Máximo von Söhsten Ferraz²

RESUMO

Este artigo busca, a partir da interpretação da segunda versão da obra *Thomas o Obscuro* (2021), de Maurice Blanchot, especialmente do primeiro capítulo, pesquisar o pensamento como cura na travessia da personagem por meio do encontro de Thomas com o mar. O sentido existencial do ser enquanto presença é a procura, isto é, a cura. Esse é o movimento que percorre o personagem, a própria obra. *Thomas o Obscuro* é uma narrativa cuja a questão central é a natureza do ser enquanto linguagem. O presente trabalho dialoga com os estudos críticos, teóricos e filosóficos de Blanchot, Castro, Heráclito e Heidegger. A obra apresenta questões que emanam de

1 Doutorando em Letras pela UFPA (quadriênio 2020-2024). Mestre em Letras pela UESPI (2019). Integra o grupo de pesquisa NIK, Núcleo Interdisciplinar Kairós: Estudos de Poética e Filosofia, do PPGL/UFPA.

2 Professor Adjunto do ILC e do PPGL da UFPA. Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Mestre em Teoria Literária pela UNB. Bacharel em Direito pela UnB e advogado. É um dos coordenadores da Rede Poética, Grupo Interinstitucional de Pesquisas em Arte e Filosofia. Coordena o Núcleo Interdisciplinar Kairós, Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA).

uma instância narrativa que não é fixa, que apresenta mobilidade e se desdobra, dialogando com a imagem-questão do mar. Trata-se de uma narrativa que está sempre sendo experienciada em seus devires.

Palavras-chave: Blanchot. *Thomas o Obscuro*. Mar. Pensamento como cura. Ir-e-vir eterno das questões.

RÉSUMÉ

Cet article cherche, à partir de l'interprétation de la deuxième version de l'œuvre *Thomas o Obscuro* (2021), de Maurice Blanchot, notamment du premier chapitre, à rechercher la pensée comme cure dans la traversée du personnage à travers la rencontre de Thomas avec la mer. Le sens existentiel de l'être comme présence est la recherche, c'est-à-dire la cure. C'est le mouvement qui parcourt le personnage, l'œuvre elle-même. *Thomas l'Obscur* est un récit dont la question centrale est la nature de l'être comme langage. Le présent ouvrage dialogue avec les études critiques, théoriques et philosophiques de Blanchot, Castro, Heráclito et Heidegger. L'œuvre présente des questions qui émanent d'une instance narrative non figée, mobile et qui se déploie, dialoguant avec la problématique image de la mer. C'est un récit qui est toujours vécu dans son devenir.

Mots-clés : Blanchot. *Thomas l'Obscur*. Mer. La pensée comme cure. Éternel va-et-vient de questions.

INTRODUÇÃO

Maurice Blanchot (1907-2003), escritor francês, ensaísta, filósofo e crítico literário, é mais conhecido por seus trabalhos sobre literatura. Reverenciado na cena intelectual francesa pós-

Segunda Guerra Mundial, Blanchot foi um autor respeitado por pensadores, escritores e filósofos contemporâneos, como Barthes, Bataille, Deleuze, Derrida, Foucault, Klossowski, Kristeva, Lacan e Levinas. Sua obra literária constitui um *corpus* indispensável para o tratamento da relação entre literatura e filosofia, revelando certa singularidade que ressoa de forma substancial nos desafios do pensamento crítico e literário na contemporaneidade. Sua obra é considerada um verdadeiro desafio para estudiosos da área.

Os textos de Blanchot têm sido mais evidentes no campo da crítica literária, por meio de escritos mais convencionais, já traduzidos para o português: *A parte de fogo* (1997), *O espaço literário* (2011), *O livro por vir* (2005), *A conversa infinita 1, 2 e 3* (2001, 2007, 2010), *Lautréamont e Sade* (2014), *A escritura do desastre* (2016). Seus textos narrativos ainda pouco traduzidos e estudados no Brasil, tais como *Thomas L'obscur* (1941, 1950), *Aminadab* (1942), *Le Très-haut* (1948), *Au moment voulu* (1951), *Celui qui ne m'accompagnait pas* (1953), *L'Attente l'oubli* (1962), *L'Instant de ma mort* (1994). Esses estão entre os mais desafiadores da literatura francesa do século XX. Quem lê Blanchot nota que ele eleva a literatura a uma discussão dialogada que transcende os limites da experiência³ literária.

3 A experiência, neologismo criado pelo grupo de estudo sobre Poética, não é algo que acontece externamente ou para alguém, mas sim o próprio real manifestando-se como linguagem, significado, verdade e mundo naqueles que a experienciam. A experiência não é objetiva ou calculada, pois sua ocorrência está ligada à aprendizagem do que ao mero ato de aprender. Toda busca ou procura é, essencialmente, uma busca pelo sentido de sentir. Toda pro-cura é experiência, diferente de experiência. Conceitos e habilidades

Este artigo faz a interpretação da segunda versão da obra *Thomas l'Obscur*, de 1950, de Blanchot, referente ao exemplar publicado em março de 2021, pela editora E-Primatur, de Portugal, traduzido do francês por Manuel de Freitas. A estrutura do livro é marcada por uma narrativa (*récit*) composta por doze capítulos, totalizando 119 páginas. A primeira versão de *Thomas l'Obscur* foi escrita a partir de 1932, entregue à editora em maio de 1940 e publicada em 1941. A segunda versão, publicada pela editora Gallimard em 1950 (que traz na capa o título *Thomas l'Obscur: nouvelle version*), é resultado da redução significativa de dois terços em relação à primeira. Para este estudo, é também utilizada a segunda versão em francês, necessária para verificação da tradução, além da leitura e crítica da obra estudada.

A obra não possui um ponto central ou estático de onde é conduzida, mas sim uma fluidez e movimento ao longo do texto. Nela, essa instância se manifesta mediante uma prosa poética e filosófica que desafia as estruturas narrativas tradicionais. Por meio das mudanças frequentes de direção e da ausência de uma progressão linear, Blanchot cria uma experiencição de leitura complexa e plural, na qual a linearidade da narrativa é subvertida em favor de uma abordagem mais fragmentada e descentralizada. Muitos críticos descrevem *Thomas o Obscuro* como uma narrativa

são adquiridos por meio da experiência, como alguém sendo experiente em fazer artefatos de madeira ou dar aulas. No entanto, a experiencição é algo mais pessoal e profundo, relacionado às vivências e questões individuais. Ela não pode ser ensinada ou reduzida a conceitos, pois é uma forma de aprendizado única para cada pessoa.

não convencional, desprovida de enredo claro. Thomas é uma figura substancialmente paradoxal que dialoga com o fragmentário, a morte, o neutro, o fora, o obscuro. Thomas vai à praia, atravessa a floresta, entra em uma caverna antes de retornar ao hotel. Lá, ele se envolve obcecadamente na leitura de um livro que passa a lê-lo de volta. Ora vive como um morto em um corpo vivo, ora como um cadáver vivo, indiferente ao mundo que o cerca. Anne, outra personagem da narrativa, é tão incaracterizável quanto Thomas, coexistindo ao seu lado por um período determinado até morrer de maneira inexplicável no antepenúltimo capítulo. Essa situação leva Thomas a experienciar algo para além dos limites, questionando seu próprio pensamento, confrontando questões e o próprio existir. Thomas é a origem daquilo que não tem origem e, portanto, é considerado obscuro.

O recorte desta pesquisa se concentra no primeiro capítulo da obra, visando ao modo como a cura, por meio do pensamento, se manifesta na travessia de Thomas. Aqui não se pretende dar uma resposta conclusiva às questões que serão apresentadas, pois uma resposta autêntica a uma pergunta só mantém sua natureza como resposta quando enraizada no próprio ato de perguntar. A resposta não se configura como uma mera definição da questão. O prefixo “res-” remete à ideia de “coisa”; a “coisa posta” diante do ser humano, que é o fenômeno acontecendo. Isso porque a coisa se desvela ao ocultar sua verdadeira natureza, mantendo-se velada em seu ser. É nessa direção interpretativa que este artigo segue.

THOMAS E A GRANDE FIGURA OCEÂNICA

Antes de dar início à interpretação, é necessário explicar o que vem a ser o termo cura. A cura é um princípio que figura o homem e está intrinsecamente ligada à realidade. Ela é associada ao corpo humano e à sua relação poética com o mundo. Cura é o ato de permitir-se ser afetado pelas questões e deixar que elas conduzam o ser humano. Essa abertura para a cura gera um estado de busca, em que o ser humano se apropria do que lhe é próprio, ou seja, aquilo que ele é verdadeiramente. “A cura é um cuidar, desejar, amar o que se quer pelo vigorar da questão. O que é, antes de tudo, é o ser. Esse é o sentido poético-ontológico de cura, ou seja, cuidar, guardar e chocar, amar para que surja a figura” (Castro, 2011, p. 232). A cura é um enigma que permeia tudo o que Thomas sente e não sente, sabe e não sabe, quer e não quer, é e não é. Ela é a essência de Thomas, inseparável de sua existência e da forma como ele se move no mundo. Thomas está à pro-cura (mesmo não declarado por ele na narrativa) disto e daquilo e de si mesmo. O que move Thomas na pro-cura é a cura. Ela é a força que impulsiona todas as suas ações e está relacionada ao termo grego *poiesis*, que significa agir e criar, meio pelo qual a poesia se manifesta.

A obra inicia e traz a primeira imagem-questão de Thomas diante da grande figura oceânica. Eis a frase de abertura que relata e materializa o espaço móvel da narrativa: “Thomas sentou-se e olhou o mar” (Blanchot, 2021, p. 9). Ao sentar-se, dobrando-se na

direção da areia, Thomas busca fixar-se, conservar-se de maneira invariável, definido por um tempo, porém em vão. O olhar de Thomas está voltado fixamente para o mar. Entretanto “empregar o seu olhar não é brincar com este mundo das aparências, é desvendá-lo” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 653). É entrar na profundidade das questões que surgem, para ver além do que está à vista. É destampar os olhos, tirar a venda, descobrir. Thomas experiencia não apenas os mistérios das águas, mas, ao mesmo tempo busca tornar-se, dar-se a conhecer, revelar-se a si próprio, na e pela procura⁴, uma vez que toda procura, isto é, toda cura, envolve uma travessia.

No primeiro momento, Thomas *olha* o mar. Mas até então seu olhar não *vê* o que está diante de si. Olhar é diferente de ver. Ver significa apropriar-se da experiência para ver o mundo e captar a realidade que lhe é dada, oferecida. É descobrir o que não foi descoberto. É dar-se conta. Não é somente olhar, assim como ouvir ainda não é escutar. Esse ver é escuta. Nessa referência

4 “As procuras são regidas ao mesmo tempo pelas possibilidades, isto é, pela cura e pelo tempo, pois toda procura se dá no e enquanto tempo. O tempo nunca é exterior nem interior a nós. Somos tempo. Que tempo? O tempo que já vigora na cura. A cura do tempo e o tempo da cura são nossas possibilidades. O humano de todo ser humano é a cura” (Castro, 2011, p. 232). “Toda ação, toda pro-cura, se dá, acontece sempre, queiramos ou não, dentro de uma não-medida e de uma medida, que lhe são inerentes, internas e externas. Todas as ações humanas se dão, acontecem, sempre dentro de um paradoxo, de uma encruzilhada, numa palavra, num entre, ora orientadas pela medida da não-medida, ora tendo como fim a não-medida da medida” (Castro, 2010, n.p.). N.p. é uma abreviação para documento (texto) não paginado, conforme a ABNT.

ao mar, ao ver o mar, Thomas é convidado pelo obscuro a ver o não-visível no visível. Há uma diferenciação entre aquilo que se olha e o que ele vê. É possível que se possa olhar tudo em sua volta e não ver nada. Ver é o que possibilita experienciar a questão originária de tudo que se olha. A experienciação dá a ele a estranheza de algo não explicado e que nada explica. É nessa poética da obscuridade que Thomas irá mergulhar, em “um dizer(-se) em que a obscuridade, o estranho se encontram em comunhão poética com toda unidade que aparece” (Calfa, 2014, p. 124). A música das sombras e a melodia dos mistérios evocam de forma poética na unidade de tudo o que existe. A obscuridade e o estranho convivem com a poesia, já que a poesia é o caminho para o desconhecido. Seja nas profundezas do mar, nos confins do céu ou da terra. No conhecimento, esclarecer é trazer à luz o que é obscuro, enquanto, no pensamento, esclarecer significa revelar o não sabido, desafiando o que já é conhecido. Há uma alusão à ironia socrática, na qual o não saber é paradoxalmente presente no saber (Leão, 2006).

Thomas encontra-se diante da imagem-questão do mar. Thomas vê o mar. “A experiência do ver não se faz a partir do olho, não consiste na função do órgão sensorial da visão, mas no aberto da clareira em que homem é ser-no-mundo, entre-ser, integração de limite e não-limite” (Calfa, 2014, p. 124). Ver o mar não se limita apenas ao funcionamento físico do órgão sensorial da visão, ou seja, não está restrita ao olho em si. Em vez disso,

ver está relacionado com a abertura que ocorre na clareira do ser-no-mundo do ser humano. A clareira mencionada refere-se ao espaço onde Thomas existe e interage com o mundo, na integração entre os limites e não-limites, ou seja, entre aquilo que é definido e delimitado e aquilo que é indefinido e ilimitado. A imagem-questão do mar é uma figuração que está presente em toda a obra. Não apenas no início da narrativa, mas também no último capítulo. Thomas está diante do mar. Ao olhar e vê-lo, ele é levado a emergir na contemplação do mundo. Ver o mar é refletir sobre os limites da linguagem, na dificuldade do próprio humano em capturar completamente as experiências. A linguagem, por exemplo, nem sempre é suficiente para revelar a profundidade das coisas, do humano, do universo. As palavras não são apenas sistemas de signos que se referem aos objetos no mundo, mas meio de revelar o mundo, as coisas presentes nele, no universo. O mar, assim como a existência, apresenta sua natureza complexa, abarcando diversas dimensões.

Não há separação entre Thomas e o mar. Thomas é o mar (a liminaridade, o entre, a pro-cura, a dobra). A água (o mar) é aqui entendida não somente como elemento dito natural, mas como imagem-questão do devir, da transitoriedade que Thomas está a percorrer, e que envolve a exploração das fronteiras, em uma realização contínua, em curso. Como referencialidade, Thomas é a própria natureza, pois ele não deixa de ser terra/mar por ser já mundo, mesmo porque terra/mar e natureza são o próprio ser

se dando (sendo) enquanto possibilidade, como sentido (mundo, linguagem). A palavra “ser” está intrinsecamente ligada à ação e é por meio dessa ação que o sentido e a verdade se manifestam. Isso torna a existência de Thomas uma experientiação, levando-o a não apenas ter vida, mas a verdadeiramente existir. A palavra ser não se limita a uma ideia abstrata, mas sim às potencialidades que permite o ser existir como o que ainda não é, porque o ser existe e, ao mesmo tempo, não existe.

Diante do mar, do vasto corpo de água que concentra vida, regido pelo mistério, pela não-medida, pelo abismo, é como se, ao contemplá-lo, Thomas estivesse olhando para si mesmo, como em um espelho. Mas o que reflete o espelho? A realidade? A veracidade das coisas? A autorreflexão acerca de si próprio e do mundo? A palavra “espelho”, do latim *speculare*, *specŭlum*, constitui especulação (do latim *speculatŏ* que quer dizer espionar; contemplação), reflexão (do latim *fectĕre* que significa curvar, dobrar). O mar, como espelho, reflete a dobra de Thomas, e, ao mesmo tempo, a passagem para o outro mundo, invertido. Diante do mar, Thomas se depara com algo que o faz transcender a percepção habitual. A dobra está relacionada à ideia de desdobramento de Thomas para além dos sistemas, relações e causas, sem uma razão específica. A dobra reflete sobre a natureza do ser, identidade, diferença e presença, utilizando termos como *arkhé* (princípio ou origem) e *télos* (finalidade ou propósito). Ela é um processo contínuo de desdobramento e mudança, no qual

o ser se manifesta em sua plenitude, incorporando tanto o nada quanto o tudo como um único e mesmo aspecto. Heráclito (1991) afirma no fragmento 84: “Transformando-se, repousa”. Segundo ele, o princípio da transformação é o repouso e o do repouso é a transformação. Essa interconexão é a dobra. No fragmento 103, Heráclito também declara: “Princípio e fim se reúnem na circunferência do círculo”. Essa afirmação complementa a ideia anterior, introduzindo a noção de fim e percurso. O percurso da dobra ocorre, portanto, dentro da esfera do círculo.

A vastidão aparentemente infinita do mar que Thomas presencia é o tornar-se do seu ser em estado inicial de indiferenciação, de indefinição. “O oceano, o mar são, em virtude de sua extensão aparentemente sem limites, as imagens da indistinção primordial, da indeterminação original” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 651). O mar é também entendido aqui como imagem ontológica de Thomas, do seu ser originário. Encontro com o não definido, o inexplorado. Não há separação ou distinção entre eles. Thomas é uma pequena parte de um todo maior e mais complexo, uma pequena gota em um vasto oceano de possibilidades. Naquele instante, durante algum tempo, Thomas “permaneceu imóvel, como se tivesse ido ali para seguir os movimentos dos outros nadadores” (Blanchot, 2021, p. 9). No entanto, “embora a bruma o impedisse de ver muito longe, ele manteve, com obstinação, os olhos fixados naqueles corpos que flutuavam com dificuldade” (Blanchot, 2021, p. 9). Estar imóvel não significa necessariamente

estar impossibilitado de se mover. Pelo contrário. Mesmo imóvel, parado, Thomas está em movimento, em um tempo de mudança.

Thomas segue com o olhar o ritmo dos outros nadadores, aqueles corpos que flutuavam pela mobilidade da vida. Aquilo se dava a partir da distância e, ao mesmo tempo, da aproximação das imagens que ele tinha dos outros nadadores. Toda imagem é o elemento que preserva tudo o que se apresenta, simultaneamente obscurecendo e velando à medida que se torna mais evidente. Thomas quase não via nada por causa da bruma. A neblina apresenta o que é vago e não definido, momento em que as formas ainda não estão claras ou distinguíveis. Ela é a fusão entre a água e o fogo, que precede qualquer forma definida, assemelhando-se ao caos que existia no início de tudo. A neblina indica uma transição temporal, uma passagem, um período entre dois estados, que antecede a revelação de eventos significativos (uma espécie de introdução, ou prelúdio, ao momento em que algo será revelado). Toda manifestação é o ato de se dar a conhecer. É o desconhecido se manifestando.

O mar é a imagem-questão da liberdade, do risco, em que Thomas se deixa deslizar até tocá-lo. “Depois, tendo sido tocado por uma onda mais forte, desceu por sua vez ao declive de areia e deslizou para o meio dos redemoinhos que logo o submergiram” (Blanchot, 2021, p. 9). Atingido e invadido pelas águas do mar, ele desliza fluidamente como uma gota d’água na direção do oceano. A sabedoria budista propõe que para impedir que uma gota d’água

evapore, devemos jogá-la no mar. “Uma gota de água basta para criar um mundo e para dissolver a noite. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável” (Bachelard, 2013, p. 10). Ao deslizar como uma gota d’água, ele se mistura com o mar, tonando-se uma só unidade. Heráclito utiliza a imagem-questão da água como uma figura que interpreta a circularidade da vida, e para afirmar que as coisas mudam invariavelmente. Thomas é submergido por redemoinhos que são capazes de destruir e recriar aquilo que está em seu caminho, interferindo no decurso das coisas. Imerso no mar, no entre, Thomas encontra-se mergulhado no obscuro.

Mas, afinal, o que é o mar? O mar é uma questão. O mar: “Não é a extensão territorial nem o volume d’água. [...] é o elemento onde todas as gotas d’água encontram seu lugar e de onde se desprendem e para onde voltam. O mar é: a Vida” (Castro, 2011, p. 239). É a linguagem primordial. O mar figura a imagem-movimento das intensidades, das oscilações existenciais, das dobras, das perplexidades. Lugar onde tudo surge e para onde tudo retorna. Espaço das alterações. “O mar é uma palavra que diz a complexidade do círculo poético, radicando seu dizer embrionário (nascido em cantos embebidos de entusiasmo) naquilo que ainda não se pensou” (Pessanha, 2013, p. 113). O mar é a porta para o desconhecido, caminho para aquilo que não se sabe, a imensidão líquida do não-limite, para onde o corpo e o pensamento de Thomas fluem.

Thomas deixa a costa (a linha que separa o mar da terra) e retorna a outro ponto do mar. “O mar estava tranquilo e Thomas tinha o hábito de nadar durante muito tempo sem se cansar. Mas hoje tinha escolhido um itinerário novo” (Blanchot, 2021, p. 9). A escolha de Thomas por um novo caminho, não-habitual, revela a vontade do seu ser por mudança, pelo originário. Originário porque inaugura sentido, porque nele vigoram questões vitais que lhe surgem. Todavia, “o original é o que necessita de um marco inicial e ruma para o limite de um ponto final, logo, estabelece-se uma relação em que o original é o novo” (Pessanha, 2013, p. 163). Todo processo de criação está relacionado à ideia de originalidade, pois não é algo que tem uma sequência temporal clara (sem antes ou depois). O originário está relacionado à totalidade do ser e está sendo realizado simultaneamente nos entes (elementos ou seres). É no limite que Thomas experiencia o obscuro, pois é nele que o originário manifesta sua existência, abrindo o caminho para o desvelar e velar de seu mistério, transcendendo as fronteiras entre humano e não-humano, entre visível e invisível, entre real e imaginário. Enquanto Thomas nadava, “a bruma escondia a margem. Uma nuvem descera sobre o mar e a superfície perdia-se num clarão que parecia a única coisa verdadeiramente real” (Blanchot, 2021, p. 9). A luz, como origem de tudo, possibilita tanto a claridade quanto a escuridão.

A margem coberta pela neblina é a fronteira, o limite, o contorno das imediações periféricas, das proximidades, assim

como o espaço em branco em volta das páginas da obra. A narrativa relata que a única coisa verdadeiramente real era a luz que fazia com que a superfície se perdesse. Mas o que é o real? Aquilo que existe? Aquilo que as coisas realmente são? A coisa material? A verdade acontece quando a realidade eclode e passa a existir. Por isso: “A resposta quase invariável à pergunta ‘O que é o real?’ é: ‘O que é verdadeiro’. Mas se perguntarmos ‘O que é verdadeiro?’ virá outra resposta ainda mais surpreendente: ‘O que é real’” (Castro, 2004, p. 17). Uma questão referente aos termos surge: real e verdadeiro, o que são? “Esse é o círculo vicioso da metafísica. Real é um conceito metafísico. Verdadeiro é um conceito metafísico” (Castro, 2004, p. 17). De acordo com Descartes, o verdadeiro é aquilo que é real, ou seja, o que é consistente com o que realmente existe. Para Descartes, algo é verdadeiro quando ele pode ser comprovado pela experiência, observação ou raciocínio. Todavia, “o homem se move dentro do real (entre as coisas), procurando a realidade (a essência do real), mas fadado sempre e somente a realizações” (Ferraz, 2014, p. 124). Por essa razão que “o real se mostra, se desvela, mas também se retrai, também se vela, porque não sabemos o que seja a sua realidade” (Ferraz, 2014, p. 124).

O real não é algo óbvio, mas antes algo obscuro, desconhecido. É uma realidade que desafia, que confunde, pois se trata de uma questão que está sempre em aberto, que se vela e se desvela. “O real não é evidente [...]. O real é misterioso, é fugidio, é estranho, é extraordinário” (Castro, 2004, p. 17). É tudo que

Thomas, naquele instante, experiencia diante do mar, do mundo, da vida. “O que é real deixa de ser o que em seu ser se mostra, para passar a ser determinado pela medida, pela identidade e pela ideia como o que é capaz de condicionar as possibilidades para o que é ou não real (Jardim, 2005, p. 74). O real constitui aquilo que existe e o que não existe? O que é possível e o que não é possível? “O real não é a priori e nem pode ser estabelecido de antemão por nenhuma lei. O real não se comporta de acordo com nenhuma norma, não se deixa domesticar pela adjetivação” (Jardim, 2005, p. 78). Para Guimarães Rosa (1968, p. 52), “o real não está na saída nem na entrada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. É nessa travessia que Thomas encontra-se percorrendo o pensamento que se dá como cura, como devir, na e pela terceira margem. “O real é uma doação da *poiesis*. Este real se manifesta, se nos aparece, se mostra, se nos dá, se nos revela, é uma doação que nos lembra a epifania divina” (Rocha, 2007, p. 168). A realidade é algo que é doado e revelado a Thomas, e que se manifesta de maneira não convencional, como um presente divino, uma vez que ela realidade é uma manifestação sagrada.

Mergulhado no entre das águas, Thomas experiencia uma ruptura do ser, do pensamento. Mergulhar nas ondas do mar indica uma quebradura com a vida habitual, com o que é conhecido e seguro. Mergulhar no mar transporta Thomas para um outro mundo, onde tudo passar a ser diferente, inaugural. A água é lugar de encontro, de ligação, de referência. Mergulhar no

mar significa retorno às origens. É, além disso, “uma regressão uterina, o retorno à matriz original, um retorno à fonte de vida” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 119). É também “a meditação de um momento de esquecimento, de renúncia à sua própria responsabilidade, um ‘colocar-se fora do jogo’, uma espécie de vacuidade” (*ibidem*). Toda ruptura dialoga com esquecimento, renúncia, porque é entrada no vazio. “Essa imersão intervém no tempo vivido como um hiato” (*ibidem*). Ou seja, tempo e espaço de ruptura, separação, fenda, abertura no corpo e no pensamento humano.

Agitado pelos redemoinhos, Thomas não sente a sensação de estar no meio das ondas tampouco de estar entre elementos familiares. “Redemoinhos sacudiam-no, sem todavia lhe darem o sentimento de estar no meio das ondas e de se revolver entre elementos que já conhecia” (Blanchot, 2021, p. 9). A ausência de familiaridade é causada pela estranheza ou desconexão com os elementos conhecidos, em uma atmosfera de desorientação ou falta de controle diante de forças desconhecidas que ele experencia. A falta de certeza que Thomas tinha sobre a presença da água transformava a atividade de nadar em algo desencorajador, possivelmente porque a dúvida criava uma sensação de inutilidade, de que o seu esforço não o levava a lugar nenhum. “A certeza de que a água faltava impunha até ao seu esforço para nadar o carácter de um exercício frívolo do qual apenas extraía desencorajamento” (Blanchot, 2021, p. 9). Por mais que Thomas tentasse se controlar,

dominar-se, conter-se, para afastar determinados pensamentos, era-lhe impossível.

Thomas olhava para o vazio, a fim de encontrar nele algum apoio, alguma ajuda, mas não conseguia fixar seus olhos em coisa alguma. A falta de referências sólidas (palpáveis) faz com que os pensamentos de Thomas escapem. “Talvez lhe tivesse bastado controlar-se para expulsar semelhantes pensamentos, mas, como os seus olhares não se podiam agarrar a nada, parecia-lhe estar a contemplar o vazio na intenção de encontrar nele algum apoio” (Blanchot, 2021, p. 9-10). Mas, afinal, que é o vazio? O vazio é a possibilidade de todas as possibilidades. É a matéria prima para todas as criações, o próprio princípio e o fim, tudo nele presente. Fonte de toda a energia criativa, o vazio é quem abre espaço para que a vida aconteça. É como a água que molha e dá vida à terra, que é o vazio, o nada de onde tudo nasce. Thomas não podia se agarrar em nada. O “ser humano encontra-se lançado no nada, realizando-se entre o ser e o não-ser que, paradoxalmente, ele já é” (Castro, [s.d.], n.p.). Thomas encontra-se alastrado por uma existência indefinida, confrontado com a realidade, consciente do seu próprio limite. Vazio não é o nada (pensado pelo senso comum). “O vazio não é vazio. É um vazio cheio de possibilidades, de potencialidades, um vazio pleno, um vazio-todo, bem diferente do vazio-nada como o pensamento mecanicista do Ocidente percebe” (Rocha, 2007, p. 164). O vazio é um estado de abertura. Lugar das fronteiras, das explorações. No fragmento 123: *phýsis*

krýptesthai phileî, de Heráclito, a *phýsis* manifestada pode ser onda e/ou partícula, mas o *krýptesthai*, não. Este é abismal, o silêncio que funda e possibilita toda voz, toda presença, toda manifestação. O nada é a matriz de tudo; fonte que permite a presença do todo.

Outro elemento que surge diante de Thomas, enquanto estava no mar, é a tempestade. “Foi então que o mar, agitado pelo vento, se enfureceu. A tempestade perturbava-o, dispersava-o em regiões inacessíveis, as rajadas atordoavam o céu e, ao mesmo tempo, havia um silêncio e uma calma que deixavam pensar que já tudo tinha sido destruído” (Blanchot, 2021, p. 10). A tempestade, do latim *tempestas*, *ātis*, significa “hora do dia, divisão do dia, bom tempo, mau tempo”, configurando a desordem, o contratempo, a imprevisibilidade. A tempestade perturba o ambiente marinho, dispersando Thomas para regiões inacessíveis. O silêncio de que fala o narrador não é o da falta de fala, de som. O silêncio envolve grandes acontecimentos, enquanto a mudez, que é a ausência de palavras, esconde esses acontecimentos. O silêncio se assemelha ao por vir, a mudez se assemelha à regressão. Porque é no silêncio que surge a possibilidade de escuta. “Frequentemente, Sidarta e Vasudeva permaneciam sentados [...] junto da ribeira. Calados, escutavam o que lhes segredava a água, a qual, para eles, não era apenas água, senão a voz da vida, a voz do que é, a voz do eterno devir” (Hesse, 2003, p. 91). A fala do silêncio que se dá pela escuta é antes de tudo poesia. De acordo com as mitologias, o silêncio precedeu a criação do mundo e que haverá silêncio novamente no final dos tempos.

Voltando à narrativa. “Thomas tentou libertar-se da onda insípida que o invadia. Um frio muito intenso paralisava-lhe os braços. A água girava em turbilhões. Seria realmente água?” (Blanchot, 2021, p. 10). A substância ao redor de Thomas seria realmente água? Questiona o narrador, seguindo com o relato. “Ora a espuma ondulava diante dos seus olhos como flocos esbranquiçados, ora a ausência da água se apossava do seu corpo e o arrastava violentamente” (Blanchot, 2021, p. 10). A ausência da água o afeta de modo violento. Contudo, essa ausência não é um nada. “Ausência é precisamente a vigência apropriada da plenitude velada do ter-sido e assim do que, reunido no modo de ter-sido, vige e é” (Heidegger, 2012, p. 162). Ela não é simplesmente a falta de algo, mas sim a presença velada daquilo que já foi e que continua a existir no modo como foi vivido. A imagem das ondas e da tempestade são os impulsos instintivos que confrontam e desafiam o controle. Os ventos empurravam as águas do mar contra o rosto de Thomas. Depois disso, ele “respirou mais lentamente, durante uns instantes conservou na boca o líquido que as rajadas lhe atiravam contra a cabeça: doçura morna, beberagem estranha de um homem desprovido de gosto” (Blanchot, 2021, p. 10). Em uma tentativa de se acalmar ou de se ajustar à intensidade dos elementos naturais, Thomas conserva na boca o líquido que as rajadas lhe atiram contra a cabeça, desprovido de gosto, em um estado quase de indiferença.

Seria uma aceitação passiva das circunstâncias? Thomas parece resignado, indo de encontro às ondas. Apesar de não ter controle das ações, a passividade de Thomas é evidente. Em *L'écriture du désastre*, livro de ensaio filosófico, Blanchot discute a noção de passividade, *passivité*, palavra formada por dois movimentos: *pas* de passo, que sugere um movimento em direção a algo, e *pas* de não ir, que traz a ideia de negação ou não-movimento. A narrativa continua. “Depois, fosse por causa da fadiga, fosse por uma razão desconhecida, os seus membros deram-lhe a mesma sensação de estranheza que a água em que se revolviam. Essa sensação pareceu-lhe de início quase agradável” (Blanchot, 2021, p. 10). A estranheza está relacionada à experiência de não se sentir em casa ou familiarizado. Por causa da fadiga ou por razões desconhecidas, seu corpo estranhou aqueles elementos, mas ao mesmo tempo era quase tudo agradável para Thomas. Arrebatamento e desconforto.

THOMAS HABITA POETICAMENTE O MAR

Naquele momento, Thomas “perseguiu, ao nadar, uma espécie de devaneio no qual ele se confundia com o mar” (Blanchot, 2021, p. 10). “A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem” (Bachelard, 2013, p. 7). Thomas encontrava-se unido à água, não apenas fisicamente, mas ontologicamente. O estado de existência associado à água é de

vertigem, implicando um movimento contínuo de transitoriedade constante. Thomas não está separado do mundo, pois é parte integrante dele. Era, portanto, impossível diferenciar quem era quem ou o quê. Thomas habita poeticamente o mar. Depois, ao perseguir um devaneio, Thomas era transportado para o nada, o vazio, para o pensamento da água. “A embriaguez de sair de si, de deslizar para o vazio, de se dispersar no pensamento da água, fazia-o esquecer qualquer inquietação” (Blanchot, 2021, p. 10). A embriaguez, a ebriedade “engendra a perda do conhecimento de tudo o que é alheio à Verdade, o esquecimento até do nosso esquecimento (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 364). No estado de ebriedade o ser humano se desconecta da realidade vigente. Isso faz Thomas esquecer suas inquietações, perder suas referencialidades, libertar-se do condicionamento estruturante de mundo.

Ao deslizar para o vazio, para o nada, disperso no pensamento da água, Thomas esquecia todo mal-estar que lhe acometia. “E mesmo quando esse mar ideal de que se tornava cada vez mais íntimo se tornou por sua vez o verdadeiro mar onde estava como que afogado, não se emocionou tanto quanto deveria” (Blanchot, 2021, p. 10). A falta de emoção indica uma desconexão entre a realidade percebida? Tudo nele gira em torno da imprevisibilidade. Lançado no destino, no porvir das questões, “havia sem dúvida algo de insuportável em nadar assim ao acaso com um corpo que lhe servia unicamente para pensar que nadava,

mas ele sentia também um alívio, como se tivesse finalmente descoberto a chave da situação” (Blanchot, 2021, p. 10-11). Há uma incompatibilidade entre os elementos que se diferenciavam, mesmo que paradoxalmente, diante da situação desagradável e do alívio imediato. Naquele momento, era revelada uma solução. Não havia mais códigos. A chave de toda solução abre não portas físicas, mas estados ou níveis profundos de conhecimento. Isso não se limita à resolução de enigmas ou à resposta de mistérios, mas acesso pleno às questões.

Naquele instante, tudo para Thomas se limitava “a continuar com uma ausência de organismo numa ausência de mar a sua viagem interminável” (Blanchot, 2021, p. 10-11). Novamente, a ausência de que se fala “não é um nada. Ausência é precisamente a vigência apropriada da plenitude velada do ter-sido e assim do que, reunido no modo de ter-sido, vige e é” (Heidegger, 2012, p. 162). A falta de presença física se une à ausência do mar, criando uma sensação de travessia inacabável por parte de Thomas. A ausência para Heidegger é mais do que simples vazio. Ela é a presença velada da plenitude do passado, que continua a vigorar e existir no modo como foi. A natureza da ausência convida à reflexão sobre o seu significado, indo além da compreensão convencional. A ausência de um organismo, de uma possível constituição orgânica, de um corpo formado por órgãos, organelas ou outras estruturas que interagem fisiologicamente para executar os diversos processos necessários à vida, era uma parte

essencial daquela experienciãção. Um corpo sem organismo, ou seja, um corpo sem órgãos, conforme Deleuze e Guattari (1996), é constituído pelo indeterminado, no qual circulam e atravessam intensidades.

A ideia de ausência de organismo ou de corpo sem órgãos também pode ser encontrada em uma passagem do texto do poeta francês Antonin Artaud, intitulado “Para acabar com o julgamento de Deus”, escrito em 1947. Nessa passagem, Artaud propõe a libertação do corpo de todos os seus automatismos, devolvendo-lhe sua verdadeira liberdade ao conseguir um corpo sem órgãos. Isso é expresso pela frase: “Quando lhe conseguirmos um corpo sem órgãos tê-lo-emos libertados de todos os seus automatismos e restituído à sua verdadeira liberdade. Voltaremos então a ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes «musette» (Artaud, 1975, p. 50). E assim, continua o poeta: “esse reverso será o seu verdadeiro direito” (Artaud, 1975, p. 50). Para Artaud, o corpo é um espaço de intensidades, e liberá-lo de seus automatismos é permitir-lhe uma verdadeira liberdade. Dançar às avessas seria escapar dos padrões convencionais e buscar uma autenticidade não restrita pelas convenções habituais. No contexto do personagem Thomas, ele está em processo, e conceder-lhe um corpo sem órgãos possibilitará tal liberdade.

A noção de órgãos vai além da noção convencional, como coração, rins ou cérebro, abrangendo todas as divisões e segmentações que permitem ao ser experienciar parcialmente

a natureza, atravessando diferentes planos de fluxos que afetam cada parte do corpo. Nesse sentido, “há o mundo do orgânico e o mundo do corpo. Ao organismo corresponde o mundo já dado e manifestado enquanto rede de relações e funções. É o mundo das disciplinas, da língua como código, da linguagem como meio. Ao corpo corresponde o mundo inaugural, poético” (Castro, 2006, p. 34). Um corpo sem órgãos não é um corpo desprovido de órgãos, mas sim um corpo que possui órgão, mas sem a organização que se conhece. Isto é, não se refere literalmente a um corpo físico sem órgãos internos, mas sim a ideia de desmontar estruturas, categorias, hierarquias pré-estabelecidas. Como explica Castro (2015, p. 200), “nosso corpo é feito de paragens (limites) e de passagens (não-limites). O corpo-acontecimento é o entre-ver, entre-ter, entre-compreender de paragens e passagens, articulados no pensar”. As paragens definem os limites do corpo, enquanto as passagens permitem transcender fronteiras e criar novas formas de ser. Thomas, portanto, experiencia o mundo pelo corpo, isto é, pelo corpo como acontecimento, na e pela pro-cura.

A viagem interminável que Thomas percorre é a travessia constante da sua existência. O espaço-tempo no qual ele transita (pelas águas do mar, pelo corpo, pelo pensamento) não é fixo, não pode ser conclusivo, é sempre outro. A narrativa relata que “a ilusão não durou muito. Teve de vaguear de uma margem à outra, como um barco à deriva, na água que lhe dava um corpo para nadar. Qual a saída? Lutar para não ser arrastado pela onda que era o seu

braço? Ser submergido? Afogar-se amargamente em si?” (Blanchot, 2021, p. 11). A ilusão é uma falsa percepção que Thomas tem da realidade, algo que não dura muito tempo. A margem é sempre a borda ou limite extremo de algo. “O devaneio à beira da água, reencontrando os seus mortos, morre também ele, como um universo submerso” (Bachelard, 2013, p. 49). Thomas é levado para uma posição intermediária entre dois extremos, uma zona de transição ou indefinição. A saída é passagem; porta; abertura; ruptura; caminho.

Thomas é um barco à deriva, vagando sem rumo entre margens opostas. Essa imagem dá a falsa sensação de Thomas estar perdido. Ora, ele está enfrentando questões sem soluções claras, e qualquer escolha parece levá-lo a um resultado impensável, trágico. Atravessar, estar à deriva, exige chegar ao meio, na terceira margem do obscuro. “É nesse elemento que nos tornamos um pequeno e frágil navio que só pode continuar navio vivo e em atividade caso se mova naquilo que lhe permite se mover: a água, o mar, a Vida” (Castro, 2011, p. 245). A travessia humana é, portanto, pro-cura, na e pelas questões que surgem ao longo do caminho.

THOMAS E A RUPTURA DE TODOS OS LAÇOS

Deixando-se arrastar pelas águas do mar, Thomas escapava dos caminhos já prefigurados. “Era decerto o momento de parar,

mas restava-lhe uma esperança, nadava ainda como se no seio da sua intimidade restaurada tivesse descoberto uma possibilidade nova” (Blanchot, 2021, p. 11). Como interromper aquele movimento? Não havia chance alguma. Restou-lhe uma esperança. E como se sabe, “aquele que espera, espera o que não tem. Se o tivesse, não precisaria esperar” (Unger, 2006, p. 180). Thomas, de alguma maneira, pertence àquilo que espera. Para Heráclito (1991, p. 63), “se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso”. A mudança de rumo, de direção, as modificações físicas e do pensamento, iam transformando Thomas em um ser disforme, sem qualquer parte membranosa que pudesse ajudá-lo a se locomover pelas águas. Como descrito, “ele nadava, monstro desprovido de barbatanas. Debaixo do microscópio gigante, fazia de si um amontoado audacioso de pestanas e de vibrações” (Blanchot, 2021, p. 11). Thomas era conduzido a um estado monstruoso que incorporava elementos do abismo, desprovido de qualquer ordem ou proporção, que lembra um período anterior à criação. Cada ser enfrenta seu próprio estado caótico antes de qualquer processo reestrutural.

Thomas incorpora as experiências adquiridas ao longo do caminho. Ele emerge de uma dinâmica complexa que envolve diversos fatores, como a ruptura, a liberdade, o acaso e o risco, que estão para além de seu controle. Thomas pertence à esfera subterrânea, obscura, clandestina, em diálogo com tudo que

o cerca. Ele desliza como uma gota d'água⁵ para regiões vagas, desconhecidas, um lugar sagrado, particularmente inaugural. Como o narrador relata, “a tentação adquiriu um carácter completamente insólito, quando da gota de água ele procurou deslizar para uma região vaga e, contudo, infinitamente precisa, algo como um lugar sagrado, tão apropriado para ele que bastava-lhe estar lá, para ser” (Blanchot, 2021, p. 11). Mas o que seria esse lugar sagrado? O sagrado é o encontro com a dimensão transcendente e, ao mesmo tempo, imanente (material) da existência. O mar é sagrado porque dá origem à vida, pois “é no mar que o sagrado faz vigorar a sua presença constante” (Castro,

5 “Não esqueçamos que ex-porcienciar só é possível porque nos movemos ‘entre’ o limite e o não-limite. Seria como sendo algo e esse algo, como por exemplo, uma gota de água, quisesse falar do Mar sem lhe pertencer e pudesse subsistir sem o Mar. Ela até pode se destacar (pois é ente) do Mar para ser uma gota, ser um é. Porém, ela sendo um é, uma gota, só insistindo e per-sistindo no seu *elemento* – o Mar – pode continuar sendo que é: uma gota do e a partir do Mar, pois o Mar como seu *elemento* é o seu *Princípio* – evidentemente não causal, pois aí o Mar não é causa de nada, mas o *Princípio* no sentido da sua com-sistência e per-sistência, ou seja, o Nada é e não-é a gota. Mas a gota sendo neste sendo remete para a sua proveniência: o Mar, o Nada. Claro que aqui Mar é uma imagem-questão. O que a gota pode dizer do Mar se não for já se movendo e provindo do Mar? Como a gota pode ser sem o Mar? E levando ao extremo só nos resta o abismo diante do qual nada podemos dizer, porque ainda *Nada podemos dizer*. Nesse sentido o próprio *dizer* é um ‘entre’. Quando perguntamos: O que a gota pode ser sem o Mar? Devemos também compreender que esse *dizer* (seria em alemão *dichten*) só pode ou não-dizer na medida em que esse *dizer* (*dichten*) já co-pertence ao *Elemento*, ao Mar, ao *Nada*. Tanto a fala, a proposição como a consciência que ela opera não fundam o Mar, assim como o ‘entre’ não funda o Mar, mas por ser e estar ‘entre’ é que pode se abrir ou fechar, se alienar ou reintegrar no que é *Princípio: o Mar*. O círculo é círculo *do Mar*. *O tempo é tempo do Mar*. A póiesis é póiesis do Mar. O rito é rito do Mar. O mito é mito do Mar” (Castro, 2006, n.p., grifos do autor).

2011, p. 252). A água do mar cura, liberta, apura, lapida, expurga. “O sagrado diz do lugar de abertura da realidade, onde tal separação e divisão não existe. O âmbito do sagrado não comporta as dicotomias metafísicas” (Castro, 1994, p. 71). Essa noção de sagrado vai além do contexto religioso, pois ele é a energia que permeia o tempo, a memória, a linguagem e o sentido do ser. É a força vital que convida à vida.

O sagrado está intrinsecamente ligado à experienciação de Thomas com o obscuro. Conforme Castro (2006, p. 19), “o sagrado mítico-poético é a vivência do mistério da voz do silêncio. Nele, a preservação do sagrado ocorre ao escutar a voz da linguagem da cura”. A comunhão de Thomas com o sagrado está associada à sua capacidade de ouvir (escutar) e se deixar atingir pela linguagem do mistério e da cura. “A água tem também vozes indiretas. A natureza repercute ecos ontológicos. De todos os elementos, a água é o mais fiel espelho das vozes” (Bachelard, 2013, p. 199). A palavra “sagrado” é um termo que o poeta Hölderlin, por exemplo, utiliza para referir-se à natureza. “Natureza para o poeta possui, antes, a ressonância da palavra-guia dos primeiros pensadores gregos – *phýsis* –, como o aberto, por onde as coisas brotam e desabrocham, mas também como o obscuro, por onde elas se escondem e repousam” (Michelazzo, 1999, p. 144). A natureza de Thomas é tanto reveladora quanto obscura.

A existência de Thomas já estava marcada pelo destino, ou seja, pela aventura de existir. A narrativa continua, ao descrever

que: “dir-se-ia um côncavo imaginário onde ele se enterrava porque, antes que lá chegasse, já o seu rasto lá estava marcado” (Blanchot, 2021, p. 11). A imagem do côncavo imaginário é o espaço indefinido onde Thomas se deixa ocultar e, ao mesmo tempo, se enterra sob a terra, se sepulta (como um cadáver). O fato de o rasto (ou seja, sua marca ou presença) já estar lá antes mesmo de ele chegar indica uma predestinação. O destino é aquilo que o ser humano recebe sem ter decidido escolher receber. Segundo Ferraz (2014, p. 134), “o homem é destinatário do destino. Destino é o que ele já recebeu para ser, suas origens, sem as quais ele não é. Não se pode pular a própria sombra: só se pode ser a partir das origens, que em nós se dão para que sejamos”. O senso comum confunde o destino com eventos que acontecem de forma inevitável (determinismo). Destino está relacionada à ideia de encaminhar algo a alguém. No entanto, o que é destinado não é um objeto, e o destinatário não é um sujeito passivo. Isso porque o que é destinado é a essência do ser, que se manifesta na humanidade das pessoas.

Aqueles que se conformam com as limitações e circunstâncias da vida negam seu destino, transformando sua existência em uma prisão. Da mesma forma, aqueles que acreditam que liberdade é poder fazer tudo o que desejam também negam o destino. O verdadeiro entendimento do destino envolve estar aberto para ser e não se submeter a uma vontade determinista que limita e aprisiona. Ser livre é aprender a lidar com a tensão

da existência e aceitar o destino que lhe foi dado. Por meio da ruptura e da renúncia, o ser humano encontra a verdadeira liberdade. É preciso estar atento e escutar o chamado do destino, que guia o ser para se tornar quem realmente é. Thomas “[...] fez então um último esforço para se ajustar totalmente. Isso foi fácil, não encontrava qualquer obstáculo, regressava a si, confundia-se consigo ao instalar-se naquele local onde nenhum outro podia penetrar” (Blanchot, 2021, p. 11). Essa passagem indica uma procura por autenticidade e autodescoberta. Thomas faz um último esforço para se ajustar totalmente. Ele se adapta e se reconecta consigo mesmo (lugar inacessível para qualquer outro), apontando para a singularidade da experiência individual. Ao regressar, Thomas retorna ao lugar de origem, estado, condição ou situação anterior. Como o trecho relata, Thomas, “por fim, teve de regressar. Encontrou facilmente o caminho de regresso e voltou a ter pé num local que alguns nadadores utilizavam para mergulhar” (Blanchot, 2021, p. 12). Tudo é ciclo; é parte intrínseca da experiência humana. Embora haja limitações para a extensão da transcendência e para a permanência nesse estado. Forças ou realidades o forçam a retroceder. Ele volta ao mesmo espaço compartilhado com outros indivíduos. É um retorno que não replica o passado, mas que o diferencia. Como um eterno retorno da diferença.

Aproximando-se do fim do primeiro capítulo, àquela altura, todo o cansaço provocado pelo esforço físico, cognitivo e orgânico

de Thomas havia desaparecido. “A fadiga desaparecera. Nos ouvidos conservava uma impressão de zumbido e de queimadura nos olhos, como seria de esperar após uma permanência demasiado longa na água salgada” (Blanchot, 2021, p. 12). O zumbido nos ouvidos (a escuta) e a queimadura nos olhos (o ver) foram afetados. Ciente, virando-se para a escuridão do sol, Thomas tentava reconhecer o caminho que havia percorrido, sucedido de um lado para o outro, de uma margem a outra. De acordo com Castro (2015, p. 26), “todo caminho é uma caminhada de passagens e paradas, nas e com as estâncias do existir em contínua possibilidade de ascensão e iluminação, até advir a possível plenitude. Ao ser humano é próprio o existir”. Thomas encontra-se em uma caminhada de mudanças e pausas.

À frente dos olhos de Thomas, uma névoa obscurecia sua visão. “Deu-se conta disso quando, ao virar-se para a toalha sem fim na qual se refletia o sol, tentava reconhecer em que direção se afastara. Tinha então uma verdadeira névoa diante da vista e distinguia algo naquele vazio turvo que seus olhos penetravam febrilmente” (Blanchot, 2021, p. 12). Thomas procura ver com clareza, mas as coisas são ocultas e inacessíveis. A névoa e o infinito se entrelaçam, mas Thomas vê alguém nadando no horizonte, se distanciando, como relata a narrativa. “À força de espiar, descobriu um homem que nadava muito longe, meio perdido no horizonte. A semelhante distância, o nadador estava constantemente a fugir-lhe” (Blanchot, 2021, p. 12). Quem está perdido no horizonte?

A dobra de Thomas? Estar perdido, do latim *perditus*, do verbo *perdere*, palavra formada por *per-* (intensidade ou completude) e *dere* (dar, entregar ou pôr), é dar-se, entregar-se, colocar-se por completo para além do que se pode ver. “Desaparecer na água profunda ou desaparecer num horizonte longínquo, associar-se à profundidade ou à infinidade, tal é o destino humano que extrai sua imagem do destino das águas” (Bachelard, 2013, p. 13). Thomas, em vias de se tornar, é como o horizonte. “Horizonte é a linha ou círculo mutável que limita a vista para tudo que se vê daquilo que se dá a ver e também se vela à visão. É a realidade enquanto princípio que de-termina o horizonte, ou seja, aquilo que se vê. De-terminar é pôr limite, término” (Castro, 2013, p. 231). O horizonte não é estático, mas sim dinâmico.

Thomas viu o nadador, “via-o, deixava de o ver e, porém, tinha o sentimento de acompanhar todos os seus movimentos: não apenas de o distinguir sempre muito bem, mas de estar próximo dele de uma maneira extremamente íntima e como não o poderia ter estado antes por qualquer outro contacto” (Blanchot, 2021, p. 12). O nadador, distante e fugidio, torna-se uma presença íntima para Thomas. Há uma mudança no olhar que revela não apenas quem observa, mas também quem é observado. Metamorfosear o olhar é mudar a maneira de ver. Como um jogo de espelhos infinito, quanto mais contempla, mais tem para descobrir. De acordo com o narrador, “havia naquela contemplação algo de doloroso que era como que a manifestação de uma liberdade demasiado grande, de

uma liberdade obtida pela ruptura de todos os laços (Blanchot, 2021, p. 12). A dor é um processo de despedaçamento. Segundo Heidegger (2008, p. 21), “a dor é o rasgo do dilaceramento. A dor não dilacera, porém, espalhando pedaços por todos os lados. A dor dilacera, corta e diferencia, só que ao fazer isso arrasta tudo para si, reunindo tudo em si”. Porém, ao invés de espalhar fragmentos em todas as direções, a dor reúne tudo em si mesma. A dor também é uma ruptura, separação e intensidade. Essa ruptura dolorosa implica desvencilhar-se de todas as conexões pré-existentes, sejam elas físicas, sociais, ideológicas, crenças, hábitos, influências, experiências, ou qualquer outro elemento que tenha definido a existência de Thomas até aquele momento.

Sócrates, de acordo com Platão (2009, p. 213), afirma que “[...] em nós, seres vivos, quando a harmonia sofre uma ruptura, ocorre simultaneamente uma desintegração em nossa natureza e o nascimento da dor”. A ruptura é um processo que transmuda o ser, invariavelmente, seja por meio da dor, da angústia, do próprio existir. Não importa o quanto se tenta evitar a dor, em algum momento da vida ela estará presente. Como revela Hölderlin (1994, p. 137), “a dor autêntica entusiasma. Quem penetra a sua miséria encontra-se acima. E é magnífico que somente na dor cheguemos a sentir corretamente a liberdade da alma”. A ruptura quebra, rompe com vínculos. A liberdade é regida pela abertura, pelo descoberto. Ela não é arbitrária, tão pouco é submissa a qualquer tipo de lei. Deixar-se possuir pelas questões, eis o cerne

do pensamento enquanto pro-cura. É preciso movimentar-se pelas questões, estar aberto ao apelo da cura. No final do capítulo I, já na praia, ao observar o mar novamente, as expressões do rosto de Thomas se alteram. Sua face toma uma fisionomia diferente da que ele tinha antes. Uma expressão fora do comum, que poderia indicar um confronto com dilemas, com certas verdades. “O seu rosto perturbou-se e adquiriu uma expressão inusitada” (Blanchot, 2021, p. 12). Seu semblante tremulava intensamente, causando-lhe confusão, desordem. Seu rosto passou a expressar algo fora do comum (inominável), estranho, inesperado, obscuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou a ideia do pensamento como cura na travessia do personagem Thomas e seu encontro com o mar. A obra apresentou questões que emanam de uma instância narrativa que não é fixa e que se desdobra em diálogo com a imagem-questão do mar, ressaltando a natureza dinâmica tanto do ser quanto do pensamento de Thomas. A pesquisa revelou que a pro-cura existencial pela presença do ser é, essencialmente, uma travessia na e pela cura, desdobrada por meio de elementos como o mar, o corpo, o horizonte, o sagrado, o pensamento, o destino, a liberdade, a ruptura de todos os laços. Esse movimento permeia tanto o personagem quanto a obra. Thomas, diante desse processo, encontra-se em vias de se tornar, mas sem necessariamente

alcançar um destino final.

Da mesma forma que o mar, Thomas expande-se, tornando-se vasto, aberto, profundo. Como afirma Guimarães Rosa (1968, p. 157), “o rio não quer chegar a lugar algum, só quer ser mais profundo”. Assim como o rio, Thomas não está necessariamente buscando um fim, pois ele está em uma travessia de autodescoberta, onde o objetivo não é um destino final, mas o processo de se tornar. Para Castro (2011, p. 252), “todos os rios começam e terminam no mar. Todos os viventes começam e terminam no mar”. Convidado a experimentar os limites de seu próprio ser, Thomas torna-se a imagem-questão do mar. “A água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água” (Bachelard, 2013, p. 17). Como dito, Thomas habita poeticamente o mar. É a poesia que traz Thomas para o mar. A narrativa não termina aqui, não há conclusão. Ela começa e termina (permanecendo em aberto) com Thomas diante do mar, sendo mar; sendo, sobretudo, questão.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o julgamento de Deus:** seguido de O teatro da crueldade, de Antonin Artaud. Tradução de Luiz Neto Jorge e Manuel João Gomes. Lisboa: & etc, 1975.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 2. ed. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BLANCHOT, Maurice. **Thomas l'obscur**. Paris: Gallimard, 1950.

BLANCHOT, Maurice. **Thomas o Obscuro**. Tradução de Manuel de Freitas. Lisboa: E-Prematur, 2021.

CALFA, Maria Ignez de Souza. Imagem. *In*: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

CASTRO, Manuel Antônio de. **A construção poética do real**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Arte**: o humano e o destino. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

CASTRO, Manuel Antônio de. Notas de tradução. *In*: HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Tradução de Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

CASTRO, Manuel Antônio de. O ser humano e seus limites. *In*: MONTEIRO, Maria da Conceição (Org.). **Além dos limites**: ensaios para o século XXI. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Origens da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Tempos de metamorfose**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto (*et. al.*). Rio de Janeiro: 34, 1996.

FERRAZ, Antônio Máximo. O homem e a interpretação: da escuta do destino à liberdade. In: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). **O educar poético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2012.

HERÁCLITO. **Os pensadores originários**: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1991.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo, Folha de São Paulo, 2003.

HÖLDERLIN, Friedrich. **Hipérion ou O eremita da Grécia**. Tradução de Marcia C. de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1994.

JARDIM, Antonio. **Música**: vigência do pensar poético. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A fenomenologia de Edmund Husserl e a fenomenologia de Martin Heidegger. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 165. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

MICHELAZZO, José Carlos. **Do um como princípio ao dois como unidade**. São Paulo: Annablume, 1999.

PLATÃO. Filebo. In: PLATÃO. **Diálogos de Platão IV**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2009.

ROCHA, Antônio Carlos Pereira Borba. Diálogo com Chuang Tzu, hoje. **Revista Tempo Brasileiro**, 171, Permanência e atualidade da Poética. Rio de Janeiro, out.-dez., 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.